

GÊNERO, DANÇA, EDUCAÇÃO FÍSICA E FORMAÇÃO, OU NA CONTRAMARÉ DO DESTINO: UMA HISTÓRIA A SER EVIDENCIADA*

GENDER, DANCE, PHYSICAL EDUCATION AND TRAINING, OR AGAINST THE TIDE OF DESTINY: A STORY TO BE EVIDENTED

Diego Ebling do Nascimento **1**
Mariângela da Rosa Afonso **2**

Resumo: Pretende-se narrar a história de vida de uma pessoa que foge à norma heterossexual, binária e branca. Uma pessoa que nadou contra a maré, que fugiu do destino, que tinha todos os indícios para não ter muitas possibilidades de escolha e conquista na vida, mas que subverteu as amarras sociais e se tornou um grande profissional. Narrou-se a trajetória de vida considerando as relações familiares, a formação inicial e continuada e a vida profissional do sujeito pesquisado. Metodologicamente o trabalho é qualitativo-descritivo e foram realizadas duas entrevistas temáticas semiestruturadas, uma em 2012 e outra em 2020. Ressaltamos a valorização de trabalhos que compartilham narrativas de conquistas de pessoas à margem da sociedade. A história compartilhada nesse texto demonstra que estamos em tempos de mudanças e que, mesmo diante de todas as retiradas de direito atuais, ainda há esperança de um mundo mais plural.

Palavras-chave: Narrativa. Memórias. História de vida. Diversidade. Pluralidade.

Abstract: The present research proposes to narrate the life story of a person who escapes the heterosexual, binary and white norm. A person who swam against the tide, who fled from destiny, who had every chance of not succeeding in life, but who subverted the social bonds and became a great professional. The life trajectory was narrated considering the family relationships, the initial and continuing education and the professional life of the researched subject. Methodologically, the work is qualitative-descriptive and two semi-structured thematic interviews were conducted, one conducted in 2012 and the other in 2020. We emphasize the appreciation of works that share successful narratives and achievements of people on the margins of society. The story shared in this text demonstrates that we are in a time of change and that, even with all the current withdrawals of law, there is still hope for a more plural world.

Keywords: Narrative. Memoirs. Life's history. Diversity. Plurality.

Mestre em Educação Física. Doutorando em Educação. **1**
Professor da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4122771772310695>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6194-0958>.
E-mail: diego.edfisica@uft.edu.br

Doutora em Educação. Professora Titular da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPeL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5202830028335096>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8853-719X>. E-mail: mrafonso.ufpel@gmail.com **2**

* Trabalho realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Considerações Iniciais

Diversos autores (FOUCAULT, 1988; PARAÍSO 1997; LOURO, 2004) entendem que as relações de gênero e sexualidade estão sendo estabelecidas através de uma construção discursiva atrelada a diversos campos, entre eles o currículo. E isto pode se dar desde a educação infantil até a universidade. Louro (2010, pp. 43-44) enfatiza que a:

[...] noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existam muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. [...] Os sujeitos e as práticas culturais que não ocupam este lugar recebem as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade.

É preciso lembrar que a sociedade em que vivemos é administrada por longos processos de instituições que constroem o indivíduo articulando-o ideologicamente à ordem, reprimindo as suas manifestações “anormais” e recompensando as “normais” (FIGUEIREDO, 2009). Dentre estas instituições encontram-se a escola e a universidade, que como parte da sociedade onde se inserem, também estão marcadas por estas ações. Sem dúvida alguma, tais atitudes influenciam muito na corporeidade dos sujeitos que passam por estes espaços.

Sendo assim, um dos principais locais em que a homofobia se faz presente é nas escolas. Pois é na escola que crianças e jovens passam grande parte do seu dia. Este espaço abre precedente para discriminarmos e sermos discriminados. É no ambiente escolar que as subjetividades das crianças e jovens são constituídas. De acordo com Meyer (2003), os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar e as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem tem mostrado como estamos sempre operando a partir de uma identidade que é norma, por isso mesmo, quase invisível.

Registre-se que para Foucault (1999) a norma é um dos mecanismos de poder pelo qual a biopolítica se expressa, gerando uma verdade a ser seguida, como o correto, o adequado, em uma espécie de totalidade para além da qual estariam os anormais. Estes, então, seriam inferiores, marginalizados e excluídos do que a sociedade vê como normal ou normalizado.

Percebemos isso a partir da aceitação social demasiadamente evidenciada no homem branco, católico, jovem, magro, de classe média e heterossexual. O cidadão que apresenta características diferente das citadas, provavelmente, já sofreu algum tipo de discriminação. De modo a complementar essa ideia, a autora Sell (2006) nos lembra de que mesmo antes de nascermos somos submetidos a valores pré-estabelecidos e a padrões sexuais predeterminados. A mesma autora ressalta a dicotomia existente entre duas formas de expressão sexual: a hetero e a homossexualidade. A primeira, vista como normal e, a segunda, como um exercício desviante das regras bem aceitas. Pensamos ser importante complementar lembrando que não só o homossexual é visto como “desviante das boas maneiras”, mas todos, todas e todes¹ que não se encaixam na heterossexualidade.

Nas universidades, a situação parece ser similar, salvo em alguns cursos em que um determinado professor estudou a temática em certo momento de sua trajetória acadêmica e acaba utilizando-se dos conhecimentos e aprofundando discussões em sua prática docente. Contudo, essas situações acontecem raramente. Fora essas exceções, Louro (2010) percebe e reconhece que tanto nas escolas como nas universidades a temática é abordada de uma forma simplória. As instituições promovem ciclos de palestras ou convidam “representantes” da minoria em questão ou, ainda, se passa um filme seguido de um debate para dar-se por atendida a ausência do tema.

A presente pesquisa é um recorte de minha dissertação de mestrado e se propõe a narrar a história de vida de uma pessoa negra, homossexual e transgênero. Uma pessoa que nadou contra

¹ A expressão “todes” vem sendo utilizada para indicar pessoas que não apresentam gênero definido, tendo como finalidade incluir todas as possibilidades de identidades.

a maré, que fugiu do destino, que tinha todas as possibilidades de não ter outras possibilidade de escolha e conquista na vida, mas que subverteu as amarras sociais e se tornou um profissional de sucesso na área da educação física e da dança em Pelotas/RS.

Caminhos Metodológicos

Este estudo foi realizado com a abordagem qualitativa e se caracteriza, quanto aos objetivos, como uma pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2002) e Triviños (2007) ela tem o intuito de descrever, da maneira mais exata possível, os fenômenos estudados e as características de um determinado grupo.

O trabalho foi realizado por meio de duas entrevistas temáticas² semiestruturadas, uma realizada em 2012 e outra em 2020. É importante indicar que as entrevistas foram realizadas pelo pesquisador em local previamente agendado com o participante do estudo. Realizamos um contato pessoal para explicar os objetivos e os procedimentos do estudo, além da solicitação de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Para a análise dos dados tomamos como referência a abordagem de Bogdan e Biklen (1994) que afirmam que a análise é um processo que se desdobra desde as descrições ainda vagas, típicas dos trabalhos iniciais de pesquisa, até seu produto final. Sendo assim, envolve tanto o trabalho de interpretação, como o de tornar compreensíveis os materiais coletados.

Conforme Plummer (1993, p.341), citado por Silva (2008) “as histórias de gays jamais circulam no ‘espaço celeste’: trata-se de algo do dia-a-dia, algo fundado em premissas. Funciona a partir da experiência cotidiana”. Silva (2008), ainda se referindo as narrativas dos homossexuais, complementa dizendo que “as histórias contadas ou silenciadas estão articuladas a redes de poder, o que habilita ou desabilita as pessoas a contarem suas histórias. Desse modo, espaços são abertos ou fechados para as histórias terem voz”.

Assim, buscamos abrir espaço para compartilhar a história de vida e dar voz para uma dessas pessoas, ou seja, narrar a trajetória de vida de quem foge à norma heterossexual, binária e branca. Essa pessoa é aqui denominado de Eugênio. Para preservar sua identidade, por motivos éticos, optamos por usar esse codinome, inspirando-nos no grande diretor geral Eugene McDougale do Les Ballets Trockadero de Monte Carlo, a companhia Trockadeiro, como é mais conhecida no Brasil, foi fundada em 1974 por um grupo de entusiastas do balé, com o objetivo de apresentar uma visão lúdica e divertida do balé clássico tradicional, em forma de paródia, com os bailarinos dançando travestidos. Em 1975 mistura a sua abordagem cômica com o aperfeiçoamento da técnica dos bailarinos. O que consideramos admirável é que, em plena década de 70, Eugene travestiu bailarinos para levá-los aos palcos. Dentro do contexto da dança clássica os homens puderam dançar em sapatilhas de pontas, já que estando travestidos eles assumiram o papel feminino. Por esta aproximação escolhemos este codinome para o entrevistado.

Ser Diferente: trajetória de vida, conquistas, descobertas e tensões na formação em educação física e dança

Eugênio se traveste. Nasceu em 1989 mora em Pelotas no Rio Grande do Sul e é filho de mãe adotiva. Foi adotado muito cedo, 15 dias após seu nascimento. Seu irmão também é filho adotivo. Eugênio estudou tanto em escolas públicas como em escolas privadas. Da pré-escola até a 5ª série do antigo currículo (atual 6ª série) estudou em escola pública. A partir da 6ª série foi para o ensino privado. Formou-se no curso de licenciatura em educação física pela Faculdade Anhanguera no ano de 2012. Tem experiência como bailarino(a) e professor(a) de dança afro-contemporânea, dança contemporânea, samba e dança jazz. Participou como bailarino(a) em diversas academias de dança da cidade de Pelotas, atuando em diferentes estéticas e estilos de dança. Teve premiações em vários festivais nacionais de dança. Além de ter inúmeras premiações em concursos de beleza como *Miss Gay* em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Foi madrinha de bateria em todas as escolas de samba de Pelotas.

² De acordo com Delgado (2010, p. 22), as entrevistas temáticas se referem à experiência ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. Inspiramo-nos nas ideias de Dominicé (1988) para construirmos nosso questionário que foi dividido em quatro partes: dados pessoais, família, formação e mercado de trabalho.

Eugênio sempre recebeu apoio de sua mãe, que aceitou sua sexualidade desde a infância, quando passou a perceber que ele se relacionava de forma diferente que as demais crianças.

“Eles estavam só esperando a hora e o momento de eu me assumir. Mas foi bem tranquilo, me aceitaram numa boa, minha mãe conversou bastante comigo” (entrevista realizada em 2012).

Embasado nas falas do entrevistado foi possível perceber que ele sentiu necessidade de verbalizar sobre sua orientação sexual à família. Pois contou que gostaria de levar uma pessoa que estava namorando em casa e, a partir disto, abriu precedente para falar sobre o assunto. Foi quando constatou que a família, assim como os amigos mais próximos, já sabiam de sua orientação sexual.

“Ele [o namorado] não era daqui [de Pelotas], era de Rio Grande. Eu cheguei em casa e disse pra mãe ‘eu quero conhecer a família de uma pessoa que eu estou junto’. Eu queria dinheiro na época, não trabalhava, nem nada. ‘Eu quero dinheiro pra poder viajar, eu quero ir a Rio Grande conhecer a família de uma pessoa que está comigo’. Ai a minha mãe disse assim: ‘Quem é essa pessoa? É ele ou ela?’ Eu respondi que era ele. Foi tranquilo, ela já sabia, estava só esperando o momento de me abrir, porque ela não tinha preconceito com nada, pelo contrário. Eu não ia deixar de ser filho dela jamais. E eu fui, visitei e o trouxe aqui [em casa] também” (entrevista realizada em 2012).

Quando Eugênio quis se travestir pela primeira vez, aos 16 anos, sua mãe também compreendeu e o apoiou. O acolhimento e o apoio por parte dos pais não é tão comum aos filhos que desejam se montar³. Segundo Pelúcio (2004), o processo de transformação das travestis tem seu início longe de casa, pois muitas vezes elas não têm o apoio familiar, de maneira que acabam nas ruas, onde encontram formas de sobrevivência e aprendem ou potencializam seu processo de transformação. Mas vale frisar que um dos fatores que podem vir a explicar as conquistas profissionais de Eugênio refere-se diretamente a compreensão e ao apoio dos amigos e familiares. Eugênio relata que sempre pensou em se travestir e que não precisou contar que gostaria de se vestir de mulher, pois sua mãe já havia percebido esta vontade.

“Foi bem tranquilo, porque minha mãe sempre me incentivou. Ela ia junto comprar as roupas femininas para eu me travestir, porque eu tinha vergonha, logo no início. Se não era a minha mãe, eu convidava alguma amiga minha que experimentava a roupa e eu escolhia. Minha família sempre me ajudou (entrevista realizada em 2012)”.

Ainda de acordo com Pelúcio (2004, p. 136),

O corpo, enquanto ‘matriz de significados sociais’ precisa ser moldado por processos que vão da decoração à destruição. A escolha de um estilo de roupa, dos acessórios, passando pela sistemática eliminação dos pelos, até as sessões de aplicação de silicone líquido vão dando forma não só ao corpo, mas promovem toda uma mudança no *status* social daquele indivíduo.

Embora Eugênio aparentemente não tenha aplicado silicone, as transformações do corpo enquanto decoração, estilo de roupa e acessórios, como cita a autora, se tornam evidentes em seu dia-a-dia. Ele relata que na primeira vez em que se travestiu já participou de um concurso. E fala da experiência:

³ “Se montar” é uma gíria que teve origem no universo dos travestis de rua, que significa homem travestido de mulher (PALOMINO, 1999).

“Foi legal, mas foi tenso, porque era um mundo diferente do meu. Eu recém estava entrando neste mundo” (entrevista realizada em 2012).

Mesmo que ele tenha se sentido realizado quando se travestiu pela primeira vez, neste momento ele passou a perceber que estava entrando em um contexto diferente de sua realidade, e isto lhe despertou curiosidade sobre as questões que permeiam esse universo, inclusive o mundo da prostituição.

Por ser um novo travesti, contou, também, que acabava atraindo olhares. Porém, não chegou a se prostituir. Reidel (2011) lembra que muitas travestis, por diversos motivos como, por exemplo, não ter apoio dos familiares, não conseguem emprego em nenhum ambiente por causa do preconceito e, muitas vezes, não concluem nem mesmo o ensino médio. Não foi o caso de Eugênio, que sempre recebeu apoio de sua família, sobretudo de sua mãe.

“Mas alguns travestis não pensam em estudar, ter uma profissão. No mercado de hoje, eles gostam de ganhar a vida mais fácil. Então, minha família sempre me apoiou a estudar, a trabalhar. Sempre tiveram junto comigo” (entrevista realizada em 2012).

Em muitos casos as travestis também não aguentam o *bullying* que sofrem na escola, e ingressam no considerado “mundo perigoso da prostituição⁴”. Reidel (2011, p. 128), em seu relato de experiência, diz que para muitas travestis “essa forma de trabalho, mesmo que considerada indigna pela sociedade, passa a ser a única fonte de sobrevivência, já que muitas portas se fecham para esses ‘corpos fora do lugar’”.

É importante ressaltar que além da violência física que as travestis estão sujeitas com o mundo da prostituição, elas já estão sendo expostas à violência pelo simples fato de muitas pessoas as relacionarem unicamente a este universo, tirando qualquer outra possibilidade de existência. Para contribuir com tais ideias, Peres (2004, p. 26) relata que:

Pelo fato de ter sido dada uma conotação negativa, excludente e discriminatória para as práticas de prostituição, a própria inserção da travesti no mundo da prostituição já é uma experiência de violência. Uma violência que irá destituí-la juntamente com seus direitos sociais e culturais de cidadã, de circular pelos espaços públicos, levando-a muitas vezes a acreditar nisso e se refugiar durante o dia para só se exporem na noite.

Eugênio, em determinado momento da entrevista, ressaltou sempre ter se sentido mulher. Mas que depois de um tempo apresentou outra percepção sobre o assunto.

“Eu não me acho mulher. Agora eu tenho consciência de que não sou mulher, mas não me abalo por isso” (entrevista realizada em 2012).

Ao ser indagado sobre sua identidade de gênero, na última entrevista, Eugênio prontamente diz ser:

“Transformista, menino que se transforma em menina” (entrevista realizada em 2012).

De acordo com Benedetti (2005) as transformistas priorizam um feminino que prima por se aproximar o máximo possível das qualidades culturalmente atribuídas à mulher de acordo com o padrão heteronormativo. Conforme o dicionário transgênero (LANZ, 2016) os membros dessa tribo costumam considerar-se como uma classe totalmente à parte dentro do mundo da travestilidade, sendo constituída basicamente por pessoas que se consideram atores profissionais e que não

⁴ Para exemplificar e desmistificar alguns desses perigos encontrados na noite, sugerimos o artigo da autora Pelúcio (2005). Ela expõe algumas situações que as travestis encontram ao se prostituírem.

apresentam nenhum tipo de desconforto de gênero. Apenas se travestem para ganhar a vida no palco, representando papéis de mulher em peças teatrais, dublagens, *sketches* e shows de *stand-upcomedy*.

As diversas nomenclaturas e possibilidades das identidades de gênero não são categorias fechadas. No entanto, segundo Jayme (2001), elas colocam em cheque o binarismo dos sexos feminino e masculino construído histórica e socialmente. A identidade de gênero das travestis, por exemplo, perpassa o binarismo, macho/fêmea, masculino/feminino. Desta forma, então, elas são consideradas transgênero (PELÚCIO, 2004), ou seja, há um trânsito constante entre os gêneros. Mais recentemente a nomenclatura gênero fluído parece ser a mais adequada para essas identidades que transitam, flutuam e desconstroem os gêneros.

Assim, entendemos como transgeneralidades todos os corpos que estão em trânsito entre os gêneros e que não se configuram como cisgênero. Jesus (2012) afirma que não há consenso no Brasil sobre a utilização do termo transgênero. Entretanto, mesmo sendo categorias não fechadas – como já dito anteriormente –, ocorrem tentativas de definição dos termos utilizados, para Sampaio (2007), a travesti é uma pessoa que possui genitálias de um sexo, mas que mantém alguns atributos que são considerados do outro sexo, tais como roupas, acessórios e técnicas corporais. As transexuais, para Bento (2008), são pessoas que reivindicam o reconhecimento social e legal para o gênero oposto do sexo de seu nascimento.

Gênero, Formação e Atuação Profissional: desafios, conquistas e caminhos percorridos

A primeira pessoa com quem Eugênio compartilhou sobre sua orientação sexual foi a melhor amiga. Ela e sua mãe sempre o aceitaram. Ele recorda que isto aconteceu na 7ª série. Nesta época Eugênio já se reconhecia como homossexual.

“Eu já sabia o que eu era, o que eu queria ser” (entrevista realizada em 2012).

Na escola, Eugênio relata não ter sido um aluno exemplar. Ele conta, por exemplo, que não participava das aulas de educação física. Costumava fugir de todas as aulas para ficar na companhia dos amigos em frente ao colégio. Nos recreios, ele interagiu com os amigos, tanto com os meninos quanto com as meninas. É importante ressaltar que, de acordo com o entrevistado, o fato dele não assistir às aulas, como nos referimos anteriormente, não tinha ligação com qualquer preconceito sofrido por sua orientação sexual na época.

“Eu era horrível no colégio. Eu era um verdadeiro menino no colégio” (entrevista realizada em 2012).

Esta colocação de Eugênio acaba por estereotipar o comportamento masculino na escola. Outro exemplo disso é trazido por Souza (2006) no desenho abaixo, quando a autora se refere ao comportamento feminino:

Figura 1. A menina é uma graça



Fonte: (SOUZA, 2006, p. 81).

De acordo com Souza (2006, p. 81), “esta cena é uma representação fiel do comportamento esperado das meninas. A informação que a professora passa, é que essa aluna está correspondendo ao estereótipo previsto para seu sexo. A menina ‘quieta e comportada’ recebe um elogio por estar cumprindo a conduta desejada”.

Como ocorreu na pesquisa de Souza (2006), há uma estereotipação do sexo masculino e feminino por parte de Eugênio. No período escolar ele se identificava com o comportamento estereotipado, ou esperado, ao sexo masculino. No estudo de Souza (2006) a professora pesquisada, assim como Eugênio, acaba delineando as características estereotipadas de cada sexo e apresenta um perfil diferente entre menino e menina. A professora coloca que “é difícil o menino ser como a menina’ porque, apesar das exceções, as meninas são mais delicadas para conversar, não falam com brutalidade. Já os meninos gostam de bagunçar mais, o que revela uma convicção desigual de condutas para cada sexo” (SOUZA, 2006, p. 83). É importante ressaltar que estas características se dão por construções de gênero, pois os meninos e as meninas não nascem com tais características, elas são aprendidas, impostas socialmente, somos cotidianamente educados para termos determinadas atitudes. Mesmo que, por vezes, inconscientemente, são características socialmente esperadas para cada sexo, o que precisa ser refletido, questionado e transformado.

No ensino fundamental, Eugênio diz que ainda não havia manifestado sua identidade de gênero e, por isso, os colegas não desconfiavam de sua orientação sexual. Ele conta que tinha um comportamento masculino. Já no ensino médio foi diferente, ele fazia questão que seus colegas soubessem de sua orientação. Pois

“começava a surgir os olhares com os gurus, estava na fase de trocar olhares, de uma colega minha achar um guri bonito e eu confirmar. [...] Alguns não notavam [a troca de olhares], outros gostavam, achavam meio confuso” (entrevista realizada em 2012).

Esta necessidade de explicitar sua orientação sexual veio à tona na adolescência, na fase da puberdade. Mas também, é importante lembrar que isso não é uma realidade possível em todas as famílias, pois em algumas não há espaço, nem liberdade para falar sobre a sexualidade.

Embora o entrevistado tenha salientado várias vezes durante suas falas que em nenhum momento de sua vida sofreu preconceito, ele apontou situações em que nós, como pesquisadores, identificamos serem preconceituosas. Abramovay, Castro e Silva (2004) ressaltam que estas violências muitas vezes não são percebidas como algo negativo e intencional, ou seja, vem ocorrendo uma naturalização das mesmas. Entre elas podemos citar o sexismo, a homofobia e o racismo. “Isto é mais grave quando ocorre em ambiência escolar e dela participam ativa ou passivamente, além de alunos, também professores, que deixam assim de exercer a função pedagógica de combate das violências” (p. 255). É possível que o entrevistado não reconheça preconceitos pelo fato de, como ele mesmo disse, se considera

“muito bem resolvido com sua sexualidade” (entrevista realizada em 2020).

Por outro lado, houve um caso na disciplina de natação durante o curso de graduação em educação física, quando em uma aula ele contou ter se sentido constrangido. A experiência que mais o marcou ocorreu no vestiário, no momento em que ele e os colegas trocavam de roupas para se prepararem para a aula.

Assim, algumas situações acabam se tornando banais, o que pode acabar dificultando a percepção de atos preconceituosos que configuram agressões verbais, morais e psicológicas, havendo apenas uma identificação do preconceito quando a agressão é física.

Ainda nesse sentido, Eugênio relata que atualmente trabalha com pessoas idosas em um projeto que acontece nos bairros da cidade de Pelotas/RS atuando com dança e ginástica. Ao ser indagado sobre a aceitação das senhoras que são suas alunas ele relata:

“– Nunca sofri nenhum preconceito, quando fui pro miss gay, por exemplo, minhas alunas idosas me ajudaram bastante, me incentivaram, fizeram até rifa” (entrevista realizada em 2020).

A afirmação de nunca ter sofrido preconceito foi recorrente durante as entrevistas de 2012 e de 2020 e acreditamos que pode estar intimamente relacionado com o poder discursivo que essa afirmação produz. Talvez manter esse discurso possa ser um facilitador para legitimar seu modo de estar no mundo. Quando começamos a pesquisa trazíamos como certeza que ele responderia que havia sofrido preconceito e que, talvez, ainda sofresse. No entanto, Eugênio nos surpreendeu com a resposta e nos fez refletir sobre essa questão.

Eugênio complementa, ainda, relatando que as senhoras costumam dizer que não tem mais idade para terem preconceito, que querem ver as pessoas felizes sendo como elas são. Relatou, também, ter sido bem tratado no universo acadêmico. Seus colegas e professores respeitavam sua orientação sexual, tanto no curso de educação física como em outros cursos ofertados pela instituição. Ele comenta que seus colegas queriam, inclusive, que fosse travestido à formatura, mas resistiu. Eugênio demonstrou preocupação com a presença de familiares de seus colegas no local, pois, segundo Eugênio, eles poderiam mostrar-se chocados com a situação.

“Eles fizeram uma votação. Queriam que na minha formatura eu estivesse ‘travecado’ para pegar o diploma. Mas eu não quis, eu separo as coisas. Há lugares e lugares. Tanto que eu fiz a minha festa separada. Aí eu fui travestido [...] Tem certas coisas que é pra alguns públicos, para outros não. Tinha gente de família, eu não ia me sentir bem” (entrevista realizada em 2012).

Assim como no ensino médio, Eugênio nunca foi travestido para a faculdade. Ele descreve que algumas vezes apenas chegava com os olhos pintados, pois participava de eventos no dia anterior em que estava travestido. Na primeira vez em que isto aconteceu foi reconhecido por um professor. Esta situação fez com que a turma soubesse que se travestia e participava de concursos. Porém, Eugênio garante que este fato não comprometeu seu relacionamento com os colegas.

O entrevistado lembra que havia um incentivo por parte dos professores para continuar estudando e concluir o curso de educação física. Contudo, o tema sexualidade foi abordado durante o curso de educação física apenas em uma disciplina pedagógica. Este embasamento fez falta quando Eugênio se deparou com o estágio curricular, pois nenhum momento do estágio foi dedicado para discutir e problematizar as relações de gênero e sexualidade. Quando foi questionado sobre isto falou que “sabe separar bem as coisas”. Porém, acreditamos que a identidade de gênero de Eugênio não poderia passar em branco na escola, pois do ponto de vista educativo, o diálogo se faz necessário. É importante discutir e problematizar as questões da sexualidade na escola. Muitas vezes o espaço escolar é o único local para falar sobre as questões de sexo, gênero, identidade sexual e tantos outros conceitos que se fazem necessário para a compreensão, o respeito e o combate à homofobia.

Durante o estágio curricular Eugênio encontrou mais dificuldade para trabalhar com os adolescentes, porque eles não gostavam de fazer atividade física. Já os alunos mais novos o conheciam. Eram os mesmos que faziam parte de um projeto de dança do qual ele participava.

Eugênio revelou, ainda, que alguns familiares não acreditavam que ele pudesse ingressar na universidade.

“Depois que eu fiz faculdade, que eu me formei, alguns da minha família tiveram outros olhares sobre mim” (entrevista realizada em 2012).

Bourdieu (1999, p. 8) explica esse fato com o conceito de poder simbólico, “esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem”. Dentro do poder simbólico este fato é, então, uma manifestação do capital cultural na forma estado institucionalizado, o qual ocorre por diversas formas de poder exercidos pela sociedade. Em parte, os familiares de Eugênio passaram a vê-lo de outra forma, valorizando-o mais devido ao seu título obtido na graduação. Eles, inicialmente, não acreditavam que Eugênio conseguiria se formar.

Na época do ensino fundamental algo despertava a atenção de Eugênio mais do que as

aulas. Era a dança. Ele começou a dançar na escola, com os estilos dança de rua e estilo livre. Passou para a natação e retornou a dançar, e continua na dança até hoje.

Foi estimulado por sua primeira professora a seguir a carreira na dança. Ele disse que escolheu o curso de educação física por causa da dança. Porém, durante o curso percebeu que a dança é pouco contemplada. Mostrou-se descontente com a formação em licenciatura em educação física e revelou que se pudesse teria optado, também, pelo curso de bacharelado. Além disso, cogitou a possibilidade de fazer a faculdade de dança. Defendendo que, para ele, o mercado de trabalho nas academias e escolas de dança é mais amplo que o da educação física escolar. Além do mais, relata que não se sente preparado para ministrar aulas na escola e que pretende ficar atuando somente na área da dança.

Para Eugênio, as disciplinas de dança e o grupo experimental de dança da faculdade fizeram com que ele se sentisse contemplado nas aulas, pois eram por meio destas atividades que conseguia ajudar os colegas e se sentia valorizado. Ademais, despertou o interesse de vários colegas em estudar dança. Ele relata, ainda, que foi um dos fundadores e professores do projeto de extensão “Grupo Experimental de Dança” da faculdade em que estudou.

Pudemos perceber que, diferentemente do ensino médio, Eugênio participava com prazer das atividades propostas por sua faculdade, inclusive nas disciplinas de esportes. Ele lembra que como só tinha experiência em dança e natação, os outros esportes foram de fundamental importância para a sua formação.

Para ele, o mundo da dança abriu um espaço considerável para a questão da aceitação pessoal, mas, independentemente deste universo, sempre se reconheceu como homossexual.

O que se percebe na fala de Eugênio é a dança foi e é muito importante em sua vida. Ele comenta, inclusive, sobre a possibilidade de um dia se tornar coreógrafo. Deixa claro, também, que a questão sexual não foi decisiva para que começasse a dançar. Era algo que já trazia desde a infância.

Reconhece que o curso de educação física contribuiu muito para se tornar professor de dança, principalmente na parte didática de suas aulas. Como bailarino relatou que o exercício de “ser professor” fez com que refletisse sobre o “ser aluno”, exercendo, assim, a empatia. Após passar pela graduação, se tornou mais disciplinado quando faz aulas de dança.

Eugênio disse que mesmo gostando mais de dançar jazz, atualmente ministra aulas de dança afro, pois o professor do estúdio de dança em que ele estudou este estilo já não exerce mais as atividades de docência da dança, então, as turmas foram assumidas por Eugênio. Ele não relaciona o fato de estar ministrando aulas de dança afro com a sua formação em educação física. Contou que só leciona dança afro porque teve a formação neste estilo de maneira não formal. Hoje, ele é professor voluntário no espaço em que recebeu bolsa integral para a realização de seus estudos neste estilo de dança.

Contudo, é importante salientar que os espaços de formação em dança se dão em diversos locais como coloca Terra (2010, p. 75):

O artista da dança se produz no intercruzamento dos diferentes espaços de formação, informação, criação, produção e difusão onde ocorrem estudos, pesquisas, experiências e práticas estético-artísticas as quais deverão ser constantemente problematizadas, contextualizadas, em suas dimensões estéticas, culturais, educacionais, sociais, econômicas e políticas.

O que conseguimos perceber com os relatos de Eugênio é que, embora ele estivesse inserido diretamente no mundo da dança em 2012 e já fosse formado em educação física, o entrevistado ainda não considerava a dança como um mercado de trabalho. Ele dança, ministra aulas e faz aulas por prazer. Após realizar a segunda entrevista, oito anos depois, verificamos que essa ideia modificou-se. Conversamos com Eugênio em seu local de trabalho. Desde 2017 ele está em uma empresa que presta serviços de dança e ginástica para a comunidade idosa e atua como professor de jazz para crianças e adolescentes, é bailarino e coreógrafo na cidade de Pelotas e região.

Eugênio continua acreditando que não tem perfil para trabalhar na escola, assim está

finalizando o curso de bacharelado em educação física, continua fazendo aulas semanais de balé clássico e concluiu – inspirado por sua mãe – o curso técnico em enfermagem que pretende, muito em breve, exercer a função, conciliando com suas atividades atuais.

Considerações Finais

Eugênio, como foi dito anteriormente, dançou em muitas escolas da cidade em que mora. Ele considera estas experiências diversificadas importantes para o seu aprendizado como bailarino e professor. Inclusive, em 2012, demonstrou interesse em, além de ser professor de dança afro, ministrar aulas de jazz em ser coreógrafo. No ano de 2020, após outra entrevista descobrimos que Eugênio conquistou o que queria. Ele virou professor de jazz para crianças e adolescentes e atua como coreógrafo em um estúdio de dança de Pelotas.

Além disso, continuou estudando. Fez técnico em enfermagem e está finalizando o cursar de bacharelado em educação física (pois sua habilitação inicial é em licenciatura). O entrevistado falou que a escola é um lugar que favorece a estabilidade financeira, porém, entende que no espaço escolar as dificuldades são maiores se comparadas com escolas de dança, estúdios ou academias, já que quem procura estes locais costuma estar decidido a fazer aulas de dança. Este fato faz com que ele não se sinta preparado para lecionar no ambiente escolar e, por isso, deixa explícita a preferência por ambientes não formais.

Eugênio atualmente está inserido no mercado de trabalho, atuando com dança e ginástica para diversas faixas etárias e demonstra estar realizado profissionalmente. Parte desta realização pode estar vinculada as suas formações que uniram o ensino formal (universidade) e o não formal (escolas, clubes, estúdios de dança) e a todo apoio familiar, sobretudo de sua mãe, para a realizar seus sonhos.

Por meio desta pesquisa encontramos um professor, um artista, que conseguiu vencer as barreiras sociais existentes para pessoas com sua identidade. Tanto nos relatos de 2012 como nos relatos de 2020 Eugênio negou ter sofrido qualquer tipo de preconceito, seja na escola, na universidade ou na sua vida profissional. Esse fato vai na contramão de muitos outros relatos trazidos por pessoas que fogem da norma, que estão à margem, que não cumprem padrões socialmente esperados (DA MOTA, 2012; GOODMAN, 2012; DE SOUZA, BERNARDO, 2014; DO NASCIMENTO; AFONSO, 2019; BARBOSA e COLABORADORES, 2019).

Assim, valorizamos a trajetória de Eugênio e ressaltamos que outros trabalhos que compartilhem narrativas de conquista das pessoas à margem se fazem necessários, afim de valorizar histórias como essa. É importante evidenciar que não defendemos a meritocracia, pois não acreditamos nela, mas acreditamos, sim, que compartilhar vivências e experiências como a de Eugênio demonstra que, a passos curtos, os tempos estão mudando, mesmo diante de todas as incertezas que os últimos anos vem proporcionando, com todas as retiradas de direitos sociais e dos ataques a população LGBTQI+⁵ ainda há esperança.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BARBOSA, A. K. S. *et al.* **Gênero Fluido: a autopercepção da construção de identidade de gênero fluido nos padrões normativos**. **Psicologia-PT**, 2019. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1346.pdf>>. Acessado em: 20/02/2020.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.

BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Queers e Intersexuais, o “+” se configura como a forma de representação de outras possíveis identidades.

DA MOTA, M. P. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 2012.

DE SOUZA, H. A.; BERNARDO, M. H. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde. Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

DO NASCIMENTO, D, E.; AFONSO, M. R. Dança e Educação Física: narrativas sobre a formação inicial e continuada de bailarinos homossexuais. **Revista Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, 2019.

FIGUEIREDO, M. X. B. **Corporeidade na Escola: Brincadeiras Jogos e Desenhos**. Editora UFPel, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Editora Graal, 1988.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOODMAN, P. Ser Queer. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 2012.

JAYME, J. G. **Travestis, transformistas, dragqueens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**, 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acessado em: 07/04/2019.

LANZ, L. **Dicionário Transgênero**. Editora Transgente, 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B8TVkVCpTCdZUnRDSW5hX0g4a0U/view>>. Acessado em: 20/02/2020.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na Educação**. 6ª edição. Editora Vozes, 2010.

_____. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PALOMINO, E. **Babado Forte: Moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999.

PARAISO, M. A. Gênero na formação docente: campo de silêncio do currículo. In: **Cadernos de Pesquisa** n.102, 1997, p. 23-45. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n102/n102a02>>.

pdf>. Acessado em: 21/03/2012.

PELÚCIO, L. M. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, v. 25, n. 2, 2005.

_____. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *In: Revista Antropológicas*, ano 8, volume 15, n. 1, 2004.

PERES, W. S. Violência estrutural e AIDS na comunidade travesti brasileira. *In: Revista de Psicologia da UNESP*, 3(1), 2004. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/24/43>>. Acessado em 05/11/2012.

REIDEL, M. Histórias Narradas, Histórias Vidas: Relato de experiência – Marina Reidel. *In: SANTOS, L. H. S.; RIBEIRO, P. R. C. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Grande: FURG, 2011.

SAMPAIO, J. O. Gênero e sexualidade de travestis no Maranhão. **Anais da III Jornada internacional de Políticas Públicas**. São Luís, Maranhão, 2007.

SELL, T. A. **Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida**. 2 ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2006.

SILVA, T. C. **Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2008.

SOUZA, F. C. **Meninos e meninas na escola: um encontro possível?** Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

TERRA, A. Onde se produz o artista da dança? *In: TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. Seminários de Dança: Algumas perguntas sobre dança educação*. Joinville: Nova Letra, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Editora Atlas, 2007.

Recebido em 28 de fevereiro de 2020.

Aceito em 19 de março de 2020.